DOI: 10.20396/resgate.v27i1.8654065

Identidade e Cidadania no ofício e modos de saber-fazer das artes de pesca no litoral do Piauí

Identity and Citizenship in the craft and ways to know-make fishing arts in the coast of Piauí

Helder José Souza do Nascimento*
Francisco dos Santos Moraes**
Áurea da Paz Pinheiro***

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar resultados de pesquisas e registros preliminares do ofício e modos de saber-fazer da vila de pescadores artesanais, bairro Coqueiro, Luís Correia, Piauí, um dos dez municípios que integram a Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba. A investigação de natureza ação, revelou o cotidiano de quinze pescadores artesanais, proprietários de suas embarcações, construtores de apetrechos de pesca e detentores de um saber-fazer ancestral e em risco, provocado pelo avanço da pesca e do turismo predatórios, que comprometem a permanência de homens e mulheres no território pesqueiro, fragilizando a afirmação de identidades e cidadania. Com o uso da História Oral e Etnografia, de técnicas e fichas adaptadas do Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, realizamos pesquisa, cujos registros farão parte do acervo do Museu da Vila, equipamento cultural associado à Rede de Museu de Território do Ecomuseu Delta do Parnaíba.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural; Cidadania; Artes de Pesca; Piauí

Abstract

This article aims at presenting the results of researches and preliminary registers about the crafts and know-how on an artisanal fishermen's village, the Coqueiro discrict, in Luís Correia, Piauí. Luís Correia is one of ten cities that integrate the Delta do Parnaíba Environmental Protection Area. This action research has revealed the everyday life of fifteen artisanal fishermen, owners of their vessels, manufacturers of fishing gear and holders of an ancestor know-how that is currently at risk, triggered by the development of predatory fishing and tourism, which compromise the residence of men and women in the fishing territory, thus undermining the affirmation of their identities and citizenship. This research was carried out using Oral History and Ethnography, as well as techniques and record sheets adapted from the Application Guide of the National Inventory of Cultural References, published by the National Historical and Artistic Heritage Institute. The research, collected datathat will be part of the collection of the village's museum, a cultural equipment associated to the Territorial Museum's Network of the Delta do Paraíba's Ecomuseum.

Keywords: Cultural Heritage; Citizenship; Fishing Gear; Piauí

* Mestrando em Artes, Patrimônio e Museologia, pela Universidade Federal do Piauí. Diretor executivo da TV Costa Norte, afiliada a TV Cultura, no Piauí. E-mail: phbhelder@hotmail.com

** Mestrando em Artes, Patrimônio e Museologia, pela Universidade Federal do Piauí. Graduado em Letras Inglês. Professor de Educação Básica nos municípios de Parnaíba e Luís Correia, Piauí. E-mail: moraesphb@gmail.com

*** Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas. Pós-doutora em Ciências da Arte e do Patrimônio, Especialidade Museologia, Universidade de Lisboa. Coordenadora do Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí, Brasil. E-mail: aureapazpinheiro@gmail.com

DOI: 10.20396/resgate.v27i1.8654065

Introdução

> [...] da minha família pescava todo mundo. Só que foram morrendo, morrendo [...]. Meu pai vivia pescando, também morreu [...] tinha meu irmão também que pescava, também morreu. É uma coisa que sempre nós fala, [...] quando nós se ajunta, nós mais velho, que somos pescadores, que quando for mais tarde a pesca se acaba, né? Pra nós [...]. (FREITAS, 2017)

Apresentamos nos limites deste artigo um trabalho de natureza participativa e colaborativa que envolveu em 2017 quinze mestrandos do Programa de Pós-graduação, e quinze pescadores, da antiga vila de pescadores, hoje, bairro Coqueiro, Luís Correia, que construíram um inventário do patrimônio imaterial associado ao ofício e modos de saber-fazer das artes de pesca, em um território cuja marca são os processos avassaladores de globalização e desterritorização de comunidade que historicamente habitam a Área de Proteção Ambiental APA Delta do Parnaíba, formada por dez municípios dos Estados do Piauí, Ceará e Maranhão.

Este trabalho se insere no contexto do Projeto Matriz Rede de Museu de Território - Ecomuseu Delta do Parnaíba, concebido como um instrumento integral e integrador de comunidades ribeirinhas, praieiras e deltaicas, que habitam a APA Delta do Parnaíba, bioma marinho costeiro, com 307.590,51 hectares, criada por decreto federal s\n de 28.08.1996, coordenada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), CR5, cidade de Parnaíba, Piauí. Na APA Delta do Parnaíba estão inseridos os municípios de Barroquinha e Chaval, no Estado do Ceará; Araioses, Água Doce, Tutóia e Paulino Neves, no Maranhão; Cajueiro da Praia, Luís Correia, Parnaíba e Ilha Grande, no Estado do Piauí.

Pela natureza do território (APA), a coordenação do PPGAPM-UFPI, representada pela Prof.ª Dr.ª Áurea da Paz Pinheiro, optou pelo conceito de REDE e de ECOMUSEU, uma natureza de museu polinuclear, uma tipologia que nos serve como base de integração entre empresas públicas, privadas e sociais a serviço do desenvolvimento sustentável, no campo da museologia de cariz social.

A missão e vocação de um museu, nesse caso de um Ecomuseu, é desenvolver programas, ações

DOI: 10.20396/resgate.v27i1.8654065

e projetos de documentação, preservação, salvaguarda, educação, comunicação da paisagem cultural, o que inclui os patrimônios cultural e ambiental de um dado território particular, singular (APA), para conhecimento, reconhecimento e valorização, promovendo a atribuição de sentidos e significados das histórias e memórias pelas comunidades ribeirinhas, praieiras e deltaicas, com estímulo a reflexões sobre formas de garantir a sustentabilidade social, ambiental e econômica, com o envolvimento das populações residentes (os pesquisadores também residem em sua maioria na APA) na constituição do Ecomuseu; uma natureza de museu que necessariamente deve servir como instrumento de informação e educação às populações, para que possam vir a participar ativamente da gestão de seus patrimônios; a entenderem e valorizarem o espaço modificado cotidianamente em suas relações como o meio ambiente.

Concordamos com Varine (2012) para quem a gestão dos patrimônios deve ser feita o mais próximo de seus criadores e detentores, o que justifica a nossa opção pela Museologia e Inovação Social, que valoriza as ações educativas e sociais dos museus, entendidos como espaços de educação nãoformal, de ações culturais e de comunicação, geradores de conhecimento, reconhecimento individual e coletivo, de afirmação de culturas e identidades, de estímulo à consciência crítica, de afirmação de olhares e reflexões, que permitam desconstruir os discursos oficiais, que negam memórias de grupos minoritários e/ou marginalizados.

O Conselho Internacional de Museus (ICOM, 2007) define museu como

> [...] uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.

O conceito de Ecomuseu remonta aos anos 1960 e está associado ao interesse e à reflexão sobre novos tipos de museus, concebidos em oposição ao modelo clássico e à posição central que ocupavam as coleções naqueles museus: ecomuseus, museus de sociedade, centros de cultura científica e técnica, de maneira geral, presentes na maior parte das novas proposições de museus, que visam colocar os patrimônios sob a gestão de agentes públicos e privados locais, de forma a garantir o desenvolvimento sustentável.

Esse conceito de museu está atravessado pela relação entre o ser humano e sua realidade, pela apreensão direta e sensível dos patrimônios, portanto, os objetos museais devem permanecer em seus locais de origem, logo, os museus locais, de território, de comunidades, ecomuseus e museus integral ou integrado, que tenham sob sua gestão coleções do patrimônio cultural

DOI: 10.20396/resgate.v27i1.8654065

local devem representar uma tendência atual, qual seja: de participação das comunidades nos processos de gestão.

Nesse sentido, segundo Desvalleés e Mairesse (2013, p.64),

> [...] o termo ´museu´ tanto pode designar a instituição quanto o estabelecimento, ou o lugar geralmente concebido para realizar a seleção, o estudo e a apresentação de testemunhos materiais e imateriais do Homem e do seu meio. A forma e as funções do museu variaram sensivelmente ao longo dos séculos. Seu conteúdo se diversificou, tanto quanto a sua missão, seu modo de funcionamento ou sua administração.

Como parte dos serviços de Educação a Ação Cultural, a Rede de Museus fará uso, dentre outras ferramentas, de campanhas de educação ambiental e cultural, de forma a envolver públicos diversos, dentre eles o escolar e não escolar, associações de moradores, pescadores etc. Portanto, a missão e vocação da Rede é promover ações de pesquisa, documentação e comunicação de acervos do patrimônio natural e cultural do território, para o conhecimento e valorização, de forma a promover o trabalho de histórias e memórias de comunidade ribeirinhas, praieiras e deltaicas.

O lugar da pesquisa

Em virtude do trabalho iniciado em 2008, no contexto do Projeto de Investigação "Por entre rio e mar. Delta do Parnaíba - Piauí", de natureza histórico-etnográfica, as professoras Áurea Pinheiro e Cássia Moura, que em 2017, decidiram por ampliar a equipe da pesquisa ao envolverem alunos-mestrandos do PPGAPM da UFPI e outras instituições de ensino locais, dentre elas uma escola de formação básica com sede no Bairro do Coqueiro, o que nos permitiu entrar no lugar bairro-escola, nos aproximarmos das pessoas e iniciar estudos, registros e intervenções no campo do patrimônio cultural imaterial – as artes de pesca.

Com as orientações de quem conhece o lugar e os estudos do patrimônio cultural, buscamos neste artigo narrar o processo da pesquisa, apresentar memórias de pescadores imersas em seu ofício e modos de saber-fazer das artes de pesca. Segundo Maurice Halbwachs (1990, p.54)

> A memória individual não está isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros, pois ele se reporta a pontos de referencia que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade, a memória in-

DOI: 10.20396/resgate.v27i1.8654065

> dividual não é possível sem esses instrumentos que são palavras, ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou do seu meio.

Ao tomarmos o autor como referência, concordamos que as memórias individuais se apoiam nas memórias coletivas para preencher algumas lacunas, às vezes se confundindo entre si, nos permitindo afirmar que a memória individual não é inteiramente desconectada das demais. Quando Pierre Nora (1993) cunha o termo "Lugar de Memória", se refere às lógicas socioculturais que nos permitem trabalhar, refletir sobre o nosso próprio presente e passado, a partir de representações, que definem concepções específicas de identidades Para Jacques Le Goff (2003), as ligações entre as diferentes formas de memória podem apresentar caracteres não metafóricos, mas reais.

Há memórias em constante trabalho presentes em um bairro onde os residentes não reconhecem suas marcas de identidades, que o atravessam – a pesca artesanal. Homens de três gerações vivem do ofício e têm um modo singular de pescar e fazer seus apetrechos de pesca. Conseguimos ao longo do trabalho compreender que não existem histórias sem sentido e que é preciso as encontrar até mesmo onde os outros não as veem (PINHEIRO, 2008).

Segundo o artigo 216 da Constituição Federal (BRASIL,1988) o Patrimônio Cultural é composto pelo conjunto dos bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, como o de pescadores.

O Decreto 3.551 de 2000, complementou a CF/88 e instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, que constituem o Patrimônio Cultural Brasileiro, e criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial:

> Artigo 1° Fica instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro.
> Parágrafo 1º
> Esse registro se fará em um dos seguintes livros:
> I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;
> II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;
> III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;
> IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.
> (BRASIL, 2000)

DOI: 10.20396/resgate.v27i1.8654065

> Afirmamos a nossa convicção que as artes de pesca, patrimônio da comunidade, necessitam de um olhar mais atento e sensível, para que se percebam os pontos frágeis e potencialidades do território, que abriga uma paisagem cultural única, singular.

Em 17 de outubro de 2003, a Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, UNESCO, em sua 32ª sessão, realizada em Paris do dia 29 de setembro ao dia 17 de outubro de 2003, aprovou a Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, ratificada pelo Brasil em 2006. Destacamos dois trechos daquele documento, que justificam a sua aprovação e que nos auxiliam a pensar sobre o estado de risco do ofício e modos de saber-fazer das artes de pesca no território da pesquisa.

> [...] Considerando a importância do patrimônio cultural imaterial como fonte de diversidade cultural e garantia de desenvolvimento sustentável, conforme destacado na Recomendação da UNESCO sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular, de 1989, bem como na Declaração Universal da UNESCO sobre a Diversidade Cultural, de 2001, e na Declaração de Istambul, de 2002, aprovada pela Terceira Mesa Redonda de Ministros da Cultura. Considerando a profunda interdependência que existe entre o patrimônio cultural imaterial e o patrimônio material cultural e natural. Reconhecendo que os processos de globalização e de transformação social, ao mesmo tempo em que criam condições propícias para um diálogo renovado entre as comunidades, geram também, da mesma forma que o fenômeno da intolerância, graves riscos de deterioração, desaparecimento e destruição do patrimônio cultural imaterial, devido em particular à falta de meios para sua salvaguarda [grifo nosso]. (UNESCO, 2003)

Afirmamos a nossa convicção que as artes de pesca, patrimônio da comunidade, necessitam de um olhar mais atento e sensível, para que se percebam os pontos frágeis e potencialidades do território, que abriga uma paisagem cultural única, singular.

A praia do Coqueiro, no norte do Estado do Piauí, entre os estados do Maranhão e Ceará, tem 8 km dos 66 km de extensão do litoral. Nos últimos vinte anos, o Bairro, as pessoas, os pescadores, a orla de praia, em suma, a paisagem cultural tem sofrido inúmeras alterações, transformações, provocando desafios para manter a harmonia ser vivo, ser humano e natureza. A presença do grande capital, do turismo de massa afetam um território berçário de espécies marinhas em extinção, dentre elas, tartarugas, cavalos-marinhos e peixes-bois. fragilizam uma cultura ancestral, transmitida de forma oral de geração em geração, com destaque para as artes da pesca, construção de embarcações e apetrechos de pesca.

DOI: 10.20396/resgate.v27i1.8654065

Imagem 1 - Mapa Delta do Parnaíba (2017), Coqueiro da Praia, PI.

Fonte: EMBRATUR, com adaptações de Helder Souza.

O trabalho de campo

Dividimos o trabalho de pesquisa nas seguintes etapas:

1 – Teórica – realizamos estudos e análises do Manual de Aplicação; Metodologia da História Oral e Etnografia, para a concepção e realização das entrevistas temáticas com os pescadores; levantamento de fontes sobre a pesca artesanal no Brasil e no Piauí em particular.

2 – Prática – identificamos, localizamos e selecionamos, após visitas sistemáticas ao campo da pesquisa, os pescadores que seriam posteriormente entrevistados. A nossa escolha foi norte-

DOI: 10.20396/resgate.v27i1.8654065

ada pela idade [os mais velhos – primeira geração; adultos – geração intermediária ou segunda geração; e os mais jovens, terceira geração – os aprendizes]; pela propriedade da canoa e apetrechos de pesca e pelo exercício efetivo do ofício, o que nos possibilitou acompanhar as permanências e rupturas nos modos de saber-fazer da pesca artesanal no bairro Coqueiro.

3 – Análise de dados e construção desta escrita - transcrição das entrevistas; seleção e decupagem do material audiovisual. (PINHEIRO, 2008)

- Priorizamos as entrevistas temáticas, com destaque para o ofício e os modos de saber-fazer da pesca artesanal. Os pescadores nos informam sobre os perigos do risco do ofício da pesca artesanal, dentre eles:
- Pesca de arrastão, um barco de pesca que opera redes de arrasto, redes em forma de saco que são puxadas a uma velocidade que permite que os peixes, e outros tipos da biodiversidade marinha sejam retidos na rede;
- Pesca predatória;
- Ausência de pessoas da comunidade, sobretudo os mais jovens, interessados na pesca artesanal;
- Exploração imobiliária desordenada;
- Migração dos pescadores para outras atividades, dentre elas de zeladores das casas de veraneio;
- Problemas ambientais, como a degradação do ecossistema costeiro, que tem acarretado a escassez dos peixes.

Os diálogos sistemáticos, a longa permanência no lugar, as entrevistas temáticas com os pescadores nos permitiram compreender a situação atual do grupo. O Manual de Aplicação, ferramenta técnica do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), foi usado como instrumento complementar no trabalho de campo, o que inclui a identificação, documentação, registro e comunicação do ofício e modos de saber-fazer das artes de pesca no Bairro.

O Manual de Aplicação foi elaborado sob a orientação do antropólogo Antônio Augusto Arantes (2000). O INRC é apontado pelo Iphan como uma ferramenta essencial no procedimento de identificação e documentação de bens culturais; um instrumento possível para a preservação e salvaguarda de bens culturais de natureza material e imaterial.

> O INRC é, antes, um instrumento de conhecimento e aproximação do objeto de trabalho do IPHAN, configurado nos dois objetivos principais que determinaram sua concepção: 1. Identificar e documentar bens culturais, de qualquer natureza, para atender à demanda pelo reconhecimento de bens representativos da diversidade e pluralidade culturais dos grupos formadores da sociedade; e 2. Apreender os sentidos e significados atribuídos ao patrimônio cultural pelos

DOI: 10.20396/resgate.v27i1.8654065

> moradores de sítios tombados, tratando-os como intérpretes legítimos da cultura local e como parceiros preferenciais de sua preservação. (IPHAN, 2000, p.8)

O trabalho nos permitiu identificar e registrar as artes de pesca para propormos de forma coletiva um conjunto de ações colaborativas, que permitam a salvaguarda desse patrimônio ameaçado, em risco.

O INRC, a História Oral e a Etnografia foram usados como métodos-técnicas de aproximação, recolha e registro de informações, para análise e escrita, a fim de propormos soluções para os problemas identificados pelos detentores do patrimônio cultural, buscando transformações no território pesqueiro, diante de mudanças avassaladoras nos últimos dez anos no ofício e modos de saber-fazer da pesca artesanal. Somos participantes com os detentores de um saber-fazer ancestral, construímos reflexões sobre as relações da comunidade com suas referências culturais, nomeadamente com as artes de pesca.

Para Cabral (2011), comunidades são redes de pessoas, cujo sentido ou ligação derivam de relações historicamente partilhadas, enraizadas na prática e transmissão, ou envolvimento com patrimônio cultural imaterial. Essa relação entre comunidade e patrimônio se faz necessária, deve ser consolidada para o fortalecimento do território, das pessoas e defesa do patrimônio cultural. A vocação do bairro Coqueiro para a pesca artesanal firma uma das identidades de um território que abriga referências culturais diversas.

Na visão de Castells (2008), a identidade se constitui a partir do contexto, tendo em vista que todas as intervenções sociais e as características de cada tipo de identidade se conectam ao ser social, ao ator social, às suas necessidades em sociedade.

Contudo, no que diz a respeito a atores sociais, a identidade é um:

> Processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas (CASTELLS, 2008, p. 22).

Entendemos que o trabalho com as memórias permite a transmissão do vivido traduzido em

DOI: 10.20396/resgate.v27i1.8654065

narrativas de experiências vividas. A memória é trabalho (BOSI, 1994) e está interligada nesta investigação com o cotidiano dos detentores do patrimônio cultural – os pescadores artesanais.

> Compreendemos que realizar um inventário do patrimônio cultural não é somente registrar e analisar o dia a dia de pessoas em uma comunidade, mas, dialogar e construir de forma participativa, colaborativa, documentos, resultados significativos para a transformação dos envolvidos, no caso desta investigação-ação, usando o patrimônio cultural como pretexto para o desenvolvimento e formação cidadã.

A proposta do Mestrado Profissional é que além de pesquisa teórico-metodológica, os discentes realizem intervenções nos territórios, com as pessoas usando como um dos métodos a *Pesquisa Ação* um instrumento político de produção de conhecimentos, que busca um aprofundamento das questões socioculturais em uma comunidade, para uma transformação da realidade, envolvendo diretamente grupos sociais na resolução de suas próprias demandas. Para Brandão (2006, p. 46):

> A pesquisa participante não se trata de conhecer para ´promover´ ou para desenvolver algo, mas para transformar o todo nesse ´algo´ que existe como está e, assim, deve ser transformado junto como o todo social de que é parte [...] se importar conhecer para formar pessoas populares motivadas transformar os cenários sociais de suas próprias vidas e destinos, e não apenas para resolver alguns problemas locais restritos e isolados [...] ainda que o propósito mais imediato da ação social seja o local específico.

Compreendemos que realizar um inventário do patrimônio cultural não é somente registrar e analisar o dia a dia de pessoas em uma comunidade, mas, dialogar e construir de forma participativa, colaborativa, documentos, resultados significatjvos para a transformação dos envolvidos, no caso desta investigação-ação, usando o patrimônio cultural como pretexto para o desenvolvimento e formação cidadã.

Nesse processo dialógico com as pessoas, conhecer o universo de estudos da museologia é enfrentar desafios, identificar e analisar o comportamento individual e coletivo do ser humano frente ao seu patrimônio, em um contexto de diferentes processos de musealização. Assim, acreditamos que a pesquisa ação é viável ao longo dos estudos e ações.

Entendemos que para reforçar as identidades de um território é preciso constituir processos de musealização, na contra mão do tipo de museu tradicional. Na visão de Duarte Cândido

DOI: 10.20396/resgate.v27i1.8654065

(2013) a museologia ao estudar as relações do ser humano diante de seu patrimônio, amplia a prática museológica para abrigar as vivências entre museus tradicionais e as outras realidades museais.

> Pode-se destacar o papel social da museologia à necessidade de integração do patrimônio ambiental ao cultural, a importância da função sócio educativa dos museus e do estímulo à reflexão e ao pensamento crítico, a afirmação do museu como meio de comunicação (DUARTE CÂNDIDO, 2013, p. 40).

O papel social da museologia é promover uma interação entre comunidade e suas referências culturais, independentemente da forma que se apresenta a realidade museal, se distanciando do comportamento passivo de outrora, para um dinamismo nas relações, onde o foco não se direciona somente ao estudo do objeto, mas às transformações das pessoas e realidades imersas nos territórios que habitam.

Reside nesse aspecto a diferença entre museologia e demais campos do conhecimento. Ao longo do inventário que realizamos, esse campo de saber-fazer – a museologia, teve um papel para além da pesquisa, intervir na realidade dos pescadores e na comunidade, promovendo transformações. Na análise de Cristina Bruno (2009, p.9-10),

> Cabe salientar que a museologia oferece às outras áreas uma oportunidade especial de aproximação sistemática com a sociedade presente, para a necessária e requisitada devolução do conhecimento, uma vez que vincula suas principais preocupações em dois níveis, a saber. 1) Identificar e analisar o comportamento individual, e ou coletivo do homem ao seu patrimônio.**2) Desenvolver processos técnicos para que, a partir dessa relação, o patrimônio seja transformado em herança e contribua para a construção das identidades.** (grifo nosso)

“A identificação, registro, documentação e comunicação do ofício e modos de saber-fazer das artes de pesca, construção de embarcações e artefatos associados, potencializam a valorização das referências culturais junto ao processo de musealização dentro de um território com vocação para museu, aqui entendido como fenômeno, dinâmico, livre e democrático.”

De acordo com Stránsky (1980), a museologia é uma disciplina científica independente, específica, cujo objeto de estudo é uma atitude específica do Homem sobre a realidade, expressão dos sistemas mnemônicos, que se concretizam por diferentes realidades museais ao longo da história. A museologia

DOI: 10.20396/resgate.v27i1.8654065

tem a natureza de uma ciência social, proveniente das disciplinas científicas documentais e mnemônicas, contribui para a compreensão do ser humano no seio da sociedade.

A identificação, registro, documentação e comunicação do ofício e modos de saber-fazer das artes de pesca, construção de embarcações e artefatos associados, potencializam a valorização das referências culturais junto ao processo de musealização dentro de um território com vocação para museu, aqui entendido como fenômeno dinâmico, livre e democrático.

Desvallées e Mairesse (2013, p. 65) fazem uma compilação dos conceitos de Museu desenvolvidos por autores da teoria museológica.

> É possível, assim, definir o museu, de maneira ampla e mais objetiva, como ´uma instituição museal permanente, que preserva as coleções de 'documentos físicos' e produz conhecimento a partir deles` (VAN MENSCH, 1992). Schärer, por sua vez, define o museu como ´um lugar em que as coisas e os valores que se ligam a elas são salvaguardados e estudados, bem como comunicados enquanto signos para interpretar fatos ausentes´ (SCHÄRER,2007) ou, de maneira à primeira vista tautológica, o lugar onde se realiza a musealização. [...], um ´fenômeno´ (SCHEINER, 2007), **englobando as instituições, os lugares diversos ou os territórios, as experiências, ou mesmo os espaços imateriais.** (grifos nossos).

Percebemos que a pesca artesanal na comunidade do Coqueiro fortalece os traços identitários no território, o reconhecimento para importância dessa referência cultural, desse patrimônio imaterial.

A Carta Patrimonial de Brasília nos informa que,

> [...] Compreendemos a identidade como uma forma de pertencer e participar. É por isso que somos capazes de encontrar nosso lugar, nosso nome ou nossa personalidade, não por oposição, mas porque descobrimos vínculos verdadeiros que nos ligam ao destino das pessoas com as quais compartilhamos da mesma cultura. O que ficou dito nos leva a formular algumas perguntas a que é preciso responder: A que lugar pertencemos e do que participamos? Isto posto, a pergunta sobre a que lugar pertencemos nos leva à busca da identidade histórica, à valorização da tradição cultural de nossos povos [...] (Carta Patrimonial de Brasília, 1995, p.1).

Para o levantamento de fontes secundárias sobre as artes de pesca no Piauí, no território da APA Delta do Parnaíba e demais temas interconectados ao estudo, identificamos e analisamos pesquisas materializadas em dissertações e teses disponíveis no Núcleo de Referência em Ciências Ambientais do Trópico Ecotonal do Nordeste (TROPEN), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Rede nomeado Desenvolvimento e Meio Ambiente (MDAM), que tem com uma das instituições participantes da rede a Universidade Federal do Piauí (UFPI).

DOI: 10.20396/resgate.v27i1.8654065

Para além, tomamos como norte Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC – Arte Santeira do Piauí, pesquisa que contemplou: levantamento preliminar, identificação e documentação do ofício e modos de fazer das localidades/municípios: Teresina, José de Freitas, Campo Maior, Pedro II e Parnaíba. Documento produzido para a 19ª Superintendência Regional do IPHAN nas ações de salvaguarda referentes ao bem inventariado, coordenado pela hoje coordenadora do PPGAPM, Prof.ª Dr.ª Áurea da Paz Pinheiro, no ano de 2008 e Inventário das Artes de Pesca e Construção de Embarcações na APA Delta do Parnaíba que a Professora coordena desde 2008, com a Professora Cássia Moura, do PPGAPM.

Estudos e conhecimentos prévios, frutos de um trabalho já em andamento com e na comunidade de pescadores Coqueiro da Praia, uma vez que em função de nosso projeto de pesquisa interagimos e nos familiarizamos com o local e criamos o projeto "Guardiões do Patrimônio", auxiliados pelo método-técnica do Inventário Participativo, associado ao Projeto Matriz; nos foi possível realizar estudos e ações de educação para o patrimônio com 16 (dezesseis) alunos da Unidade Escolar Carmosina Martins da Rocha, com crianças e adolescentes, desde o mês de agosto de 2017; realizar igualmente o 'Diagnóstico da Paisagem Cultural do Coqueiro da Praia'(MORAES,2017), realizado com os mestrandos do PPGAPM. As ações iniciais seguiram o seguinte percurso: estudo do Inventário Nacional de Referências Culturais: Manual de Aplicação (IPHAN,2000); seleção do referencial teórico indicado pela orientadora da pesquisa, Drª. Áurea Pinheiro, com destaque para os conceitos-chave da museologia, museus, patrimônio imaterial, comunidade, identidade, memória, inventário do patrimônio imaterial, etnografia, história oral; conservação e restauro; contato preliminar com o pescador Francisco das Chagas Galeno Freitas, conhecido como Sr. Análio, um dos donos das quinze canoas existentes e registradas neste estudo e intervenção.

A do pescador, Sr. Análio se justifica por ser um dos mais antigos pescadores, faz parte da primeira geração e é avô de um dos integrantes do Projeto "Guardiões do Patrimônio", João Vitor (13 anos), que sempre falava sobre o avô com carinho e orgulho de ser neto de um dos pescadores do lugar. Foi o neto que viabilizou o primeiro contato com o avô. À primeira vista, a cautela e poucas palavras trocadas com o pescador, conhecido por ser de pouca conversa, pareceu o empecilho. Mas a constância do contato nos revelou um informante e colaborador disposto a contribuir com o trabalho, uma caixa de pandora se abriu.

A coleta de dados foi realizada entre os meses de dezembro de 2017 e janeiro de 2018, usamos o método da história oral (ALBERTI, 2004), (THOMPSON, 1992), (FREITAS, 2006), que nos permitiu propor entrevistas temáticas para a recolha de informações; realizamos também registros sonoros, fotográficos e fílmico. Ganhamos a confiança do Sr. Análio. Decidimos que

DOI: 10.20396/resgate.v27i1.8654065

dividiríamos a pesquisa: 1. realizamos uma entrevista sobre as informações gerais; 2. Gravamos som e imagem com o auxílio de câmera e microfone, uma entrevista com informações específicas sobre a atividade ancestral das artes de pesca artesanal. Nessa parte do trabalho foi o momento que o avô de João, jovem guardião do patrimônio, nos presenteou com um passeio em sua embarcação; no terceiro encontro, o Sr. Análio levou-nos para fazer o registro, a documentação de sua canoa, e para que acompanhássemos o dia a dia de seu trabalho o que inclui a manutenção da embarcação e seus o apetrechos, que o Sr. realiza com outros pescadores locais, amigos do cotidiano, parceiros de uma longa caminhada, que realizam desde a infância.

Imagem 2 - Entrevista com o Sr. Análio (2017). Praia do Coqueiro, PI.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Posteriormente, as entrevistas foram transcritas, constituímos um conjunto de dados sobre o ofício e modos de saber-fazer. Foram conversas informais, registradas em diário de campo e outros suportes, o que inclui registro fotográfico da canoa e os artefatos. No quarto momento, apresentamos ao pescador vídeo gravado, as fotos capturadas, os registros dos momentos que estivemos juntos, a documentação da canoa e demais artefatos que havia nos apresentado.

As entrevistas temáticas foram realizadas na casa do pescador – Sr. Análio, avô do jovem pesquisador, João Victor, que mora com os avós, bem próximo à orla da praia. O Sr. Análio tem o mesmo endereço desde a infância e se orgulha por ainda não ter se rendido à especulação imobiliária e saído "de perto do mar", como muitos já o fizeram.

> [..] E eu nunca saí daqui. Todo mundo morava aqui nessa área. Aqui morava meu sogro, acolá morava o Novo [outro pescador amigo do Sr. Análio], que é o dono do Alô Brasil. E mora muita gente por aqui. Meus parentes morava tudo por aqui. Aí foram vendendo, foram vendendo. Quando eu tinha dezesseis ano eu fiz essa casa aqui. Fiz uma casinha de 'taipa'. Eu mesmo fiz minha casa de taipa. Eu mesmo fiz, quando eu tinha dezesseis anos. Com vinte anos eu casei e já tinha ela. Minha casinha de taipa. Aí verificamos, mudamos ela. Depois fiz maiorzinha. Mas eu nunca sai daqui, todo mundo saiu. Morava todo mundo aqui. Todo mundo vendeu suas casas e eu fiquei aqui sozinho [..] Até ainda hoje. [...] porque a gente tem que tá é aqui perto do mar. Porque quem pesca tem que estar perto do mar, todo tempo, né?[...] (FREITAS, 2017).

DOI: 10.20396/resgate.v27i1.8654065

A casa onde mora o pescador – Sr. Análio, também é abrigo para suas redes e outros apetrechos de pesca. Na data marcada para a entrevista ao chegarmos a sua residência, estava para o mar, e fomos então, recepcionados por sua esposa, a senhora Maria do Livramento, que reforçou a peculiaridade de timidez do marido antes que ele chegasse para a gravação. Curioso! A esposa lamentava termos escolhido o pescador para pesquisa dentre os quinze selecionados, todos proprietários de suas canoas. Reforçava que o marido era "de pouca conversa". Mas os temores da esposa e os alertas de outras pessoas não nos intimidou e fomos surpreendidos, pois diante das perguntas, o pescador falou por 55 (cinquenta e cinco) minutos.

Após a entrevista, o Sr. Análio nos levou a um pequeno galpão nos fundos de sua casa, espaço onde guarda artefatos de pesca de uso cotidiano: redes, linhas de pesca, carretéis, anzóis, que ele mesmo produz, além de um instrumento chamado de "dedeira", que nos informa com orgulho ser uma criação própria, para evitar machucar o dedo durante o manuseio com a linha de nylon, na pesca de isca. Naquele momento, espontaneamente nos convidou para um passeio em sua canoa - Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Luís Correia, convite que aceitamos de pronto. Foi à primeira visita à embarcação, quando pudemos sentir de perto a emoção e o gosto do pescador pelo mar.

Imagem 3 - Sr. Análio. Praia do Coqueiro (2017), PI.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Aos 64 anos, o pescador demonstra total destreza e habilidade em seu ofício, vive exclusivamente da pesca, atividade cotidiana, não possuindo nenhuma outra ocupação secundária durante toda a sua vida. A relação intrínseca do pescador com o ofício estudado e com os bens a serem inventariados nos serve de reforço em acreditar que esta pesquisa, tendo em vista as informações facultadas, servirá para construir um banco de dados sobre as artes de pesca da APA Delta do Parnaíba, mesmo sem a pretensão de ser conclusiva ou fechada em si mesma.

Os encontros com o Sr. Análio e demais pescadores da região foram sempre marcados por aprendizados que atravessaram as leituras que realizamos com foco na memória e história

DOI: 10.20396/resgate.v27i1.8654065

oral, nos revelaram que os pescadores aprenderam o ofício com familiares, parentes, amigos em experiências cotidianas, em vivências comuns. Que apesar da semelhança do oficio e modos de saber-fazer, cada pescador tem uma forma peculiar de trabalho. Que há uma consciência da relevância do ofício na comunidade, ao mesmo tempo em que há um reconhecimento das dificuldades e sofrimentos na vida no mar, que acarreta um enfraquecimento, desaparecimento do ofício no território.

Agrosino (2009) aconselha que ao aplicar pesquisa etnográfica em campo, temos sempre de lembrar que não temos o controle de todos os elementos no processo de pesquisa: estamos capturando a vida como ela está sendo vivida e assim devemos estar conscientes de que as coisas que podem parecer significativas para nós como pessoas de fora, como *outsiders*, podem ser ou não significativas para pessoas que vivem na comunidade estudada – e vice-versa.

O pescador, ao ser indagado sobre o que diria para as próximas gerações, para quem não conhece o ofício de pescador, qual a mensagem que ele poderia deixar para as pessoas que não conhecerão e que gostariam de ter conhecido daqui há algum tempo; o que se poderia se falar de ser pescador.

> O conselho que eu dou ainda é aquele que [...] se puder ter um estudo bom e viver de outra vida. A pesca hoje ela não dá mais o que já deu. Hoje não dá mais não. É o que eu digo é que quem já viveu da pesca, viveu. Mas, quem [...] não entre na pesca. Porque eu mesmo eu tenho um filho, se ele dissesse: "Ô, papai eu quero fazer uma pesca pra mim!". Eu diria não, não faça não. Faça mais não porque o tempo da pesca já passou. (FREITAS, 2017).

A fala do velho pescador é desoladora e nos instiga a pensar com a comunidade outras formas de empreendedorismo associadas às artes de pesca e sua preservação. Tivemos o cuidado que uma pesquisa etnográfica exige no que refere ao sentimento que pode nos surpreender diante de revelações inesperadas, ou que não pensávamos em ouvir.

Ao longo do trabalho de campo, tomamos a precaução de conhecer e reconhecer "os senhores do seu ofício" (PINHEIRO, 2008) como doutores de sua arte, nunca distanciando-nos como pesquisador e participantes. Durante a pesquisa tivemos a oportunidade de viver momentos de familiaridade em conversas informais nas cabanas de palha e madeira de carnaúba, na orla da praia, abrigos para os pescadores e suas embarcações, espaços de sociabilidade, que alguns chamam de "Latada da beira da praia", onde frequentemente se reúnem para conversar e preparar atividades antes da saída e volta do mar.

Essa postura nos permitiu registrar momentos como a saída para a manutenção da embarca-

DOI: 10.20396/resgate.v27i1.8654065

ção do Sr. Análio, que acompanhado de outros pescadores aguardava "a baixa da maré" para que com "a canoa no raso" procedessem as ações de manutenção, o que inclui a limpeza do casco da embarcação, de uma forma simples, utilizando restos de redes de pesca e areia do mar, como um esfoliante natural para a madeira.

Os registros em suportes diversos que integram o inventário das artes de pesca na APA Delta do Parnaíba, como gravações em som e imagem – audiovisual, pontos de vista, registros fotográficos, entrevistas transcrições; fichas: de informações gerais sobre o entrevistado e de específicas sobre o ofício e modos de saber-fazer; dos objetos [canoa demais artefatos da pesca artesanal; glossário; fotografias; literatura e fontes; podem subsidiar conhecimento, compreensão sobre as histórias e experiências das artes de pesca artesanal, atividade secular, realizada na comunidade de Coqueiro da Praia, da Cidade de Luís Correia, Piauí.

Considerações finais

Registramos um cenário de um rico e complexo Patrimônio Cultural, que carece de um olhar atento para os pontos frágeis e fortes do território, que abriga uma paisagem cultural[1] diversa, centro de estudos e intervenções do PPGAPM, que tem viabilizado a construção de inventários do patrimônio cultural imaterial da APA Delta do Parnaíba.

Descobrimos um bairro do Coqueiro como uma comunidade praieira singular que vive da pesca artesanal, apesar das transformações ocorridas ao longo dos anos, não deixou de ser reconhecida por seus moradores como uma vila de pescadores.

A pesquisa de campo nos revelou alternativas que contribuirão para o fortalecimento da pesca artesanal, especificamente no coqueiro e com os laços identitários da comunidade e sua origem pesqueira. O que pode resultar em:

- Fortalecer o Museu da Vila como um dos núcleos do Ecomuseu Delta do Parnaíba, como forma de conhecer, reconhecer e salvaguardar as artes de pesca;

1 Paisagem Cultural é "Meio Ambiente compreendido como Patrimônio básico para a vida humana. A perspectiva ambiental deve remeter os alunos à reflexão sobre os problemas que afetam a sua vida, a de sua comunidade, a de seu país e a do planeta. Para que essas informações os sensibilizem e provoquem o início de um processo de mudança de comportamento, é preciso que o aprendizado seja significativo, isto é, os alunos possam estabelecer ligações entre o que aprendem e a sua realidade cotidiana, e o que já conhecem. (PCN, 1998, p. 189-190)

DOI: 10.20396/resgate.v27i1.8654065

- Identificar e registrar histórias de vida de outros pescadores, há muito mais de quinze pescadores no bairro Coqueiro da Praia;
- Realizar ações socioeducativas que visem valorizar o conhecimento dos detentores do saber fazer da pesca local;
- Valorizar e incentivar a cadeia produtiva na pesca artesanal no bairro do Coqueiro;
- Sensibilizar o poder público municipal para com a comunidade e traçar políticas públicas de incentivo e valorização da pesca artesanal;
- Promover eventos que incentivem o trabalho com a pesca e a reconheçam como um bem cultural da comunidade.

Esperamos que este trabalho colabore com a construção técnico-sensível, em andamento desde 2008, de um inventário para salvaguarda das artes de pesca artesanal, de forma a incentivar a permanência harmônica entre território, pessoas e bens culturais, em risco.

Referências

AGROSINO, Michael. *A etnografia e observação participante*: Porto Alegre: Artmed, 2009. (Coleção Pesquisa Qualitativa). Disponível em: <http://srvd.grupoa.com.br/uploads/imagensExtra/legado/AMGROSINO Michael/Etnografia Observacao Participante/Liberado/Amostra.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2018.

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade:* lembranças de velhos. 19. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.

BRASIL. Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3551.htm>. Acesso em: 8 jan. 2018

BRASIL. Decreto nº 5.753, de 12 de abril de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/D5753.htm>. Acesso em: 13 mai. 2018.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs) *Introdução. Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEF,1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (Orgs.). *Pesquisa Participante*. O saber da partilha.

DOI: 10.20396/resgate.v27i1.8654065

BRUNO, Cristina. Museologia: algumas idéias para a sua organização disciplinar. *Cadernos de Sociomu seologia*, [S.l.], v. 9, n. 9, p. 9-33, june 2009. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index. php/cadernosociomuseologia/article/view/291>. Acesso em: 9 jun. 2018.

CABRAL, Clara Bertrand. *Património Cultural Imaterial:* Convenção da Unesco e seus Contextos. Lisboa: Edições 70, 2011.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: ICOM, 2013.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. *Gestão de Museus*, Diagnóstico Museológico e Planejamento. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

FREITAS, Francisco das Chagas Galeno. Entrevista concedida a Francisco dos Santos Moraes. Luís Correia – PI, 16 dez. 2017.

FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral*. Possibilidades e Procedimentos. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais,1990.

ICOM – INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. Portugal. Definição de Museu. 2007. Disponível em: <http://www.icom-portugal.org/documentos_def,129,161,lista.aspx>. Acesso: 18 dez. 2017.

IPHAN. Carta Patrimonial (Carta de Brasília 1995). Disponível em: <http://ortal.iphan.gov.br/uploa-ds/ckfinder/arquivos/Carta%20Brasilia%201995.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2018.

IPHAN. *Inventário Nacional de Referências Culturais:* manual de aplicação. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. Brasília: Iphan, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MORAES, Francisco dos Santos. Diagnóstico do bairro do Coqueiro da Praia. 2017. Tese (Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia) - Universidade Federal do Piauí, Parnaíba, 2017.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. *Projeto História - Revista do Programa de Estudos dos Pós-Graduados em História*, São Paulo, v. 10, n. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 05 fev. 2019.

PINHEIRO, Áurea da Paz. *Senhores de seu ofício*. Iphan: Brasília, 2008.

PINHEIRO, Áurea da Paz. *Inventário das artes de pesca e construção de embarcações na área de proteção Delta do Parnaíba*. Parnaíba: UFPI, 2010.

STRÁNSKÝ, Znynek Zbyslaw. Museology as a Science (a thesis), *Museologia*, n: 15, v. XI, 1980.

DOI: 10.20396/resgate.v27i1.8654065

THOMPSON, Paul. *A voz do passado. História Oral.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UNESCO. *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*, Paris, 17 de outubro de 2003. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2018.

VARINE, Hugues de. *As raízes do futuro*: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Trad. de Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

Recebido em: 26 de novembro de 2018
Aprovado em: 5 de fevereiro de 2019